

# O ÚLTIMO NAVEGADOR



Virgílio Castelo

# O ÚLTIMO NAVEGADOR

Romance

a esfera  dos livros

A Esfera dos Livros  
Rua Garrett, n.º 19 – 2.º A  
1200-203 Lisboa – Portugal  
Tel. 213 404 060  
Fax 213 404 069  
www.esferadoslivros.pt

Distribuição: Sodilivros, SA  
Praceta Quintinha, lote CC4 – 2.º Piso R/c e C/v  
2620-161 Póvoa de Santo Adrião  
Tel. 213 815 600  
Fax 213 876 281  
geral@sodilivros.pt

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor

© Virgílio Castelo, 2008  
© A Esfera dos Livros, 2008  
1.ª edição: Setembro de 2008

Capa: Companhia  
Imagem da capa: © Wojtek Buss / AgeFotostock  
Fotografia do autor: Maria Lucena

Os factos narrados são pura ficção e qualquer semelhança com factos reais é pura coincidência. O autor manteve o nome de instituições e locais a fim de conferir um maior realismo à história.

Revisão: Sofia Graça Moura  
Paginação: Júlio de Carvalho  
Impressão e acabamento: Gráfica Manuel Barbosa & Filhos

Depósito legal n.º 278 581/08  
ISBN: 978-989-626-120-7

— **T**rinta anos depois, tudo continua na mesma!  
Mas quando tentei matar o bispo, não fazia ideia nenhuma que ia desencadear uma guerra civil. Portugal morreu e ressuscitou. E eu com ele tantas vezes. Depois chegámos finalmente ao caminho sonhado. Foram gerações e gerações à espera da sempre adiada entrada na modernidade. Muitos ficaram para sempre sepultados com as derrotas que sofreram na guerra que nos dividiu, e eu, hoje, sou um homem esquecido que vive no bairro ribatejano de Lusitânia, a nova capital de Portugal, inaugurada há vinte e sete anos, em Agosto de 2017, pelo rei D. Luís II. Já se passou tanta coisa desde essa altura, e, no entanto, há algo em mim que me diz estar tudo como sempre.

Ao levantar o martelo pneumático e quando o apontei, decidido, à cabeça do bispo de Tomar, nunca me passou pelo espírito que ia esmagar a Igreja Católica para Portugal poder renascer. Apenas queria castigar um pedófilo nojento que tinha violado o meu irmão.

Aquele barulho metálico assustador perseguiu-me durante muito tempo e, ainda hoje, de vez em quando, ao passar perto de qualquer estaleiro de construção das muitas obras que ainda se fazem nos arredores da nova capital de Portugal, se oiço um martelo pneumático – vejo imediatamente diante dos meus olhos a cara viciosa daquele padre saloio.

Não é fácil esquecer o olhar falso de um mentiroso. Mesmo quando nos pede clemência. O terror espelhado naqueles olhos de bovino assustado era indiferente para a dor que eu sentia. Todo eu tremia como um possesso num exorcismo. Tremia descontrolado pela dor que me consumia como uma fratura exposta, e tremia convulsivamente, levado pelos movimentos violentos do martelo pneumático com que estava a trabalhar quando o bispo chegou.

Minutos antes, assim que vi aquela figura mole aproximar-se de mim com um sorriso sebento de sacristia, desliguei o martelo e senti um novelo de azia a queimar-me as entranhas. Ele vinha vestido à civil para não chamar as atenções. Mesmo assim alguns companheiros de trabalho pararam o que estavam a fazer, perante o quadro invulgar de uma visita daquelas. Ou então sentiram que a minha atitude prenunciava algo de inusitado e ficaram atentos.

Ele apenas me disse uma frase com aquela voz ciciada. Não chegou a iniciar a segunda: o martelo pneumático ganhou vida nas minhas mãos e subiu do chão até à cabeça dele. Por um instante, vi-lhe no olhar o pânico da passagem para o inferno. Hesitei, e, nesse milésimo de segundo, ele recuou instintivamente e caiu de costas. Dirigi o martelo para o ar como um montante, e desafiei o céu aos berros. Ele dizia palavras incompreensíveis enquanto rastejava pelo meio da brita, dos tijolos e do cimento. Eu não percebia o que ele dizia. No meu cérebro apenas se ouvia a frase que ele me tinha dito: «Não presentes queixa, meu filho, a culpa foi do teu irmão...»

Fui direito a ele várias vezes, com o martelo a disparar percussões secas e afiadas com um barulho apocalíptico. Nunca lhe acertei, apenas ia destruindo tudo o que encontrava pelo caminho: placas, tijolos, pedras, madeiras, até que, de repente, o chão da obra cedeu e o bispo desapareceu no meio da poeira, do barulho e do vazio: um buraco que se abriu para sempre à frente dos meus olhos e dos meus passos. De vez em quando sonho que caio nele e não sei onde estou. Mas é muito raro, porque de um modo geral lembro-me de tudo, tenho uma excelente memória.

Por isso é que me faz confusão saber que se passou tanta coisa e parecer que tudo continua na mesma! Eu lembro-me de tudo!

Tudo!

O homem passou a mão pelo cabelo castanho-claro, ajeitando a melena rebelde que tinha descaído para a testa com a veemência do discurso. Rosa concentrou-se. Era médica há tempo suficiente para já ter lidado com alguns casos difíceis, mas este era dos mais estranhos que já lhe passara pelo consultório. Havia, obviamente, algo de irreal no que aquele doente dizia, a começar pelas datas de que falava. O homem situava-se num futuro que se passaria em 2044, a avaliar pelos vinte e sete anos que dizia terem passado depois de uma suposta inauguração de uma nova capital em Portugal no, ainda por nascer, ano de 2017. Como Rosa naturalmente sabia que estávamos em 2007, o doente só podia estar a delirar. Mas por mais inusitado que lhe parecesse aquele discurso, tinha de manter uma atitude profissional, mesmo que, por instantes, lhe parecesse que estava a sonhar e não a atender um novo doente:

– De que é que se lembra? – perguntou a médica, convidando o paciente a prosseguir.

O homem continuou:

– Lembro-me bem que tudo começou no Verão de 2011 quando se deu o grande desastre do Terreiro do Paço. Morreram centenas de pessoas de um modo absolutamente cruel. O país nunca tinha visto uma coisa parecida. A morte e a dor apareceram, inesperadamente, ao princípio da noite. Foi aí que começou a crise que abalou Portugal e me havia de atirar, três anos mais tarde, para a prisão primeiro e para a guerra depois. Foi um Verão muito quente, mas também com imenso vento, coisa estranha e desagradável que parecia pressagiar uma qualquer desgraça. Eu tinha 25 anos e amava desesperadamente uma mulher que não gostava de mim. Chamava-se Mariana...

Por causa dela ainda hoje persigo a minha sombra pelas ruas, num passo atlético e controlando a respiração, na esperança de enganar o álcool e conseguir dormir quando chegar a casa. Caminho com uma rapidez desesperada, madrugada dentro, com o

firme propósito de esconjurar noites perdidas por entre corpos e copos. Às vezes paro para recuperar o fôlego, e a luz de um néon ilumina-me com crueldade: estou velho! Passaram trinta e tal anos, mais precisamente trinta e três, desde que a conheci. A vida de um cristo, sim. Mas de um cristo que não consegue morrer. E não adianta marchar, noite fora, protegido pelos mistérios. Por mais que imagine grandes desígnios no meu caminho, apenas me deparo com simples insólitos.

Quando ando pelas ruas à noite a fugir de mim e à procura dela, nunca encontro aqueles olhos castanhos raiados a verde, belos como avelãs perfeitas. O que vejo são olhares a faiscar com ódio em caras soturnas e desconfiadas...

Tanto ódio!

O homem parou de falar. Parecia desconfiado, e a pele bronzada do seu rosto largo e seco adquiriu uma tonalidade mais pálida. Rosa estava suspensa daquelas palavras estranhas cheias de imagens confusas que tentava processar no seu cérebro e no seu bloco de notas. A realidade de que aquele doente falava, com desastres, prisões, guerras e desgraças num futuro que já era passado sem ter sido ainda presente, deixava-a espantada e num labirinto de compreensão que se assemelhava a um estado de vigília. Focou a atenção no olhar perdido do paciente e tranquilizou-o:

– Continue, por favor.

O homem passou a mão pela cara desenhando um sulco da orelha até ao queixo:

– Fui preso em Junho de 2014, quando tínhamos acabado de construir a Central Informática de Lusitânia e iniciado as obras do hospital, que mais tarde veio a chamar-se Hospital Central António Damásio, quando ele ganhou o Nobel com aquele trabalho sobre a inteligência emocional. Foi de certeza em Junho porque a polícia chegou à hora do almoço e eu estava a comer cerejas. Não há cerejas em nenhum outro mês do ano. A Amália Rodrigues até dizia que não sabia o ano em que tinha nascido, mas sabia que era, de certeza, em Junho, porque era o tempo das cerejas. Os agentes perguntaram-me o nome e disseram-me que

estava preso, acusado de ter trespassado o bispo com um martelo pneumático que lhe desfez o coração.

Revoltei-me com agressividade e protestei a minha inocência: eu tinha de facto ameaçado aquele filho-da-puta com o meu martelo pneumático, à frente de toda a gente, naquele estaleiro quinze dias antes, quando aquele anão balofo foi lá tentar convencer-me a retirar a queixa que eu tinha apresentado contra ele. Mas fora apenas uma ameaça, embora violenta e com muito espalhafato. Só que, em 2014, a confusão estava instalada no país e os *cowboys* que me prenderam, e os que me mandaram prender, pertenciam a corporações que só se preocupavam com os seus próprios interesses e nem sequer se deram ao trabalho de me ouvir. Deviam andar muito ocupados. E tinham razões para isso: meses após a tragédia da estação de metro do Terreiro do Paço, o governo tinha caído com um estrondo que se ouviu na Europa toda, e, depois das agitadas e pouco esclarecedoras eleições de Janeiro de 2013, o país tinha um novo governo minoritário, cujo primeiro-ministro era um monárquico pretendente ao trono, que tinha como alguns dos pontos principais de programa de governo um referendo sobre a restauração da monarquia e a construção de uma nova capital para Portugal. Era muita areia para a camioneta daqueles rapazes de província que vinham parar à Polícia e ao Ministério Público, imaginando-se heróis de John Le Carré. E mal sabiam eles o que ainda estava para vir: os milhares de mortos e a quase destruição do país. Mas se pudessem adivinhar o futuro ficariam mais descansados, porque depois do fim da guerra civil, e do resultado do referendo em Abril de 2015, o país entrou no caminho do progresso e os Portugueses conheceram uma nova idade do ouro, que ainda hoje dura. Estamos agora, como sabe, em 2044 e já há muito tempo que a lamúria, a inveja e a preguiça foram banidas do nosso quotidiano.

É por isso que eu não entendo como é que, depois de se ter passado tanta coisa, tudo continua na mesma. É como se os meus olhos tivessem andado fora de mim este tempo todo, a rolar pelo mundo, atrás dos olhos da Mariana, como berlindes nas mãos das crianças da minha infância, e agora voltassem para dentro

das minhas órbitas com a violência de um impacto de meteoros: dói-me ver o mundo!

– Dói?

– Dói, doutora. Desculpe, eu hoje não quero falar mais. Amanhã talvez possa continuar. Agora já não consigo...

A mulher desligou discretamente a câmara e o gravador digital onde as imagens e os sons daquela vida se armazenavam para posterior estudo, e o silêncio transformou, durante breves segundos, aquele consultório num túmulo. Depois sublinhou a vermelho a data daquela primeira consulta na ficha do paciente: Segunda feira, 15/1/2007.

– É a primeira vez que cá vem, está sob alguma tensão, é natural o cansaço... Então, até depois de amanhã, senhor Veloso.

O homem parecia mais alto quando se levantou. Enquanto estivera deitado, Rosa pudera observá-lo à medida que ele ia falando. Parecera-lhe apenas um homem vulgar de meia-idade, estatura média e aspecto comum. Mas depois de tudo o que tinha ouvido, pareceu-lhe vislumbrar na serenidade aristocrática com que ele se ergueu do divã do consultório uma beleza escondida de menino triste e sorriso ingénuo. Parecia-lhe agora mais alto, mais belo e mais forte. Observou-o enquanto ele vestia o sobretudo e saía.

Pensou que havia nele qualquer coisa de profundamente misterioso. Quase irreal. Não conseguiu evitar, por um segundo, uma sensação confusa de estar a ver um filme, onde a cor azul-escura do sobretudo de lã atravessava o ecrã como uma mancha difusa e levava o homem para a rua. Como num plano de corte que corria uma cortina sobre a cena anterior e abria um espaço ainda pouco nítido para a cena a seguir. Uma enigmática visão da realidade, ou a clara percepção de uma fantasia? Foi esta a interrogação que Rosa equacionou no meio do vazio que ele deixara atrás de si, não conseguindo fazer mais do que respirar fundo e tentar aclarar as ideias. Estava perplexa.

Há quanto tempo era psiquiatra? Dez anos? Sim... mais coisa, menos coisa. Já tinha observado vários tipos de doentes: esquizofrénicos, paranóicos, psicopatas, etc., «cada maluco com a sua mania» como lhe dizia muitas vezes o marido, a brincar. Mas

nunca nenhum doente lhe causara tanta impressão como o homem que acabara de sair.

Consultou a ficha: Benjamim de Castro Ribeiro Veloso, nascido em Lisboa, a 20 de Fevereiro de 1949, professor reformado. Aparentemente, não havia nenhuma anomalia com os dados biográficos daquele paciente. Por que é que ele falava então de coisas que pareciam emergir de um passado que nem sequer ainda tinha acontecido? Por que é que ele falava de uma crise em Portugal, que teria surgido depois de um acidente trágico em 2011 quando ele teria 25 anos, se estávamos em 2007 e ele tinha mais de cinquenta? Este passado, para fazer sentido, teria de ser o futuro do nosso presente, que, obviamente, ainda não tivera lugar. Ele julgava viver em 2044, segundo o que o próprio tinha afirmado. Que patologia era esta? Delírio era o diagnóstico mais imediato, mas havia qualquer coisa naquele homem que a fazia pensar estar perante um caso mais raro e obscuro.

Rosa sentia-se, como num estado altamente febril, a ser levada para paragens que desconhecia. Mas não tinha medo dos enigmas! Desde pequena que se entusiasmava com o lado menos óbvio da existência. Sempre quisera estudar psiquiatria para tentar perceber o que estava para lá daquilo que conseguimos pensar e verbalizar. Estava à vontade naquelas paragens misteriosas em que a razão é apenas uma parte da realidade. Não tinha medo do que não percebia e deixava-se levar com entusiasmo pelos mecanismos da mente que não controlamos. Embora depois reconduzisse sempre tudo o que pensava ter descoberto a uma lógica para auxiliar diagnósticos, não se impedia nem estabelecia qualquer espécie de limites, quando se tratava de divagar, imaginar, intuir e sonhar. Como agora.

Lá fora começou a chover com violência, e o barulho das bategas nos vidros das janelas trouxe-a de volta a uma realidade mais familiar. Lembrou-se de que era o seu dia de ir buscar os filhos à escola.

Quem sabe verdadeiramente o que se passa na vida de uma pessoa?

Ninguém.

